

SETE CATEGORIAS DE PERGUNTAS E A INTERPRETAÇÃO DE FONTES HISTÓRICAS NO PRIMEIRO GRAU*

Sandra Regina Ferreira de Oliveira**

RESUMO:

O artigo busca discutir uma forma construtivista de se trabalhar com História no primeiro grau. Apresenta uma análise de como sete perguntas básicas (quem, onde, quando, por que, o que, para que e como) podem auxiliar o processo de relacionamento e construção de aprendizagem entre professores e alunos.

UNITERMOS:

aprendizagem, ensino, conhecimento, História, metodologia.

“O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias.”

João Ubaldo Ribeiro

Introdução

Comparado aos animais, que não armazenam bagagem cultural, o animal homem transmite de geração em geração o seu aprendizado. Este fato é de beleza ímpar. Olhando para um recém-nascido que acaba de chegar ao nosso mundo, é como se pudéssemos dizer-lhe: “olha o que nós, e todos os que vieram

* Originalmente publicado em *História & Ensino*, v. 4, p. 89-102, 1998.

** Professora do Departamento de Educação - UNIOESTE. Cascavel-PR.

antes, não sabemos nem ao certo há quanto tempo, preparamos para você”. Isto transforma a humanidade em elos permanentes e contínuos e nos permite fazer História.

O grande desafio do professor de História de 1º e 2º graus tem sido levar o aluno a perceber o estudo de História como um processo dinâmico de ligação entre o passado e o presente, um diálogo no tempo indispensável para buscar nossa identidade.

Em certa ocasião, dialogando com alunos de 8ª série – 13/14 anos, sobre a importância de estudar História, obtive a seguinte resposta do grupo:

caso não tivéssemos aprendido a ler, escrever e a contar, teríamos incríveis dificuldades de sobrevivência atualmente. O mesmo podemos dizer caso não aprendêssemos regras básicas de higiene, a lidar com alguns produtos perigosos, a seguir a orientação de um mapa, etc.. A escola nos dá elementos necessários a nossa sobrevivência em grupo. Mas, o que seria diferente em nossas vidas hoje, falando em sobrevivência, se não soubéssemos a respeito de Pedro Álvares Cabral ou da Colonização Portuguesa no Brasil? ¹

Tal afirmação não sobreviveria ao primeiro questionamento. Contudo, é interessante deixar fermentar a dúvida. Comparada a outras disciplinas, a História, enquanto útil, tem seu significado claro e explícito para os intelectuais. Mas, grande parte da sociedade não é formada por intelectuais. Fazemos uma enquete a alunos de 5ª à 8ª série : levando em consideração as necessidade de sobrevivência nesta sociedade, qual disciplina você acharia dispensável no ensino de 1º grau? Podemos nos surpreender com a resposta.

¹ OLIVEIRA, S. R. F. Formação do conceito de história. Londrina, 1997. Mimeo.

A conclusão elaborada pelo grupo de alunos relatado acima, tem muita relação com o tipo de História que, geralmente, se trabalha.

Atualmente, crítica-se um ensino voltado somente para o passado, para mitos e heróis; propõem-se trabalhar com o presente, levando o aluno a se situar como sujeito histórico e depois levá-lo a interpretar o passado. Não posso negar que a prática do ensino de História teve um significativo avanço nos últimos anos. Mas, também não posso deixar de constatar que ainda persistem questões básicas a serem respondidas.

Este ensaio pretende discutir como trabalhar o ensino de História, de forma construtivista, em que aluno e professor estabeleçam um diálogo entre si e com as fontes de pesquisas, em que a História passe a ter importância na vida de ambos.

O texto está dividido em partes: na primeira farei uma rápida abordagem sobre as diferentes concepções a respeito da aprendizagem. Sem determinar qual a sua concepção de aprendizagem, o professor não conseguirá estabelecer uma metodologia para desenvolver seus trabalhos. Na segunda, procurei discutir, de forma bastante resumida, o que é necessário para que o aluno possa construir seu aprendizado em História. Na terceira abordei o ensino através de perguntas: o que estabelece este método e como ele pode nos auxiliar em um ensino de História numa proposta construtivista? A última parte do texto, a interpretação de fontes históricas no 1º grau, tratará da aplicação do método por perguntas na disciplina de História.

1 Como o indivíduo aprende?

Existem três concepções diferentes para compreendermos o processo de aprendizagem. Todo professor deveria questionar-se: **como meu aluno aprende?** Eis algumas teorias sobre este assunto:

Professor apriorista – acredita que o conhecimento está no sujeito, é inato. A aprendizagem acontece pelo contato do sujeito como o meio. Basta ouvir, ler ou ver para que o indivíduo aprenda.

Professor empirista – o conhecimento está na experiência concreta, vem de fora. A aprendizagem acontece porque o sujeito recebe informações do meio através das experiências e somente isto é necessário para que ocorra a aprendizagem.

Professor interacionista ou construtivista – o conhecimento está no diálogo entre o sujeito e o meio. A aprendizagem ocorre através das respostas que o sujeito recebe e dá ao meio. Para ocorrer aprendizagem é necessário um constante interagir entre o sujeito e o meio.²

Baseando-me na proposta interacionista, tracei os caminhos deste trabalho.

Neste contexto, o trabalho a ser discutido neste texto tem por objetivo fazer com que o aluno busque um diálogo com as fontes de pesquisas e que estas fontes forneçam respostas para o sujeito de forma que se estabeleça um diálogo entre o sujeito e o meio. Procurei trazer para discussão um método de trabalho bem simples, possível de ser aplicado em qualquer lugar, com qualquer material, em qualquer disciplina.

Sabendo que tipo de ensino-aprendizagem quero desenvolver com meus alunos resta uma nova pergunta: quais são os elementos cognitivos necessários para que meu aluno possa construir sua aprendizagem em História?

² Existe ampla bibliografia a respeito. Entre elas: BECKER, F. *A epistemologia do Professor - O cotidiano na sala de aula*. Petropólis: Vozes, 1996. PIAGET, J. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

2 Os pré-requisitos cognitivos para a construção do conhecimento em História

Parto do pressuposto de que devem existir alguns pré-requisitos cognitivos para que o aprendizado de História possa ocorrer. Assim como para efetuar uma operação matemática, a criança deve ter conservação da quantidade, estabelecer relações de inclusões de classe, seriar e ordenar. A operação é resultado de todo esse aprendizado. Para ler e escrever a criança percorre todo um caminho de hipóteses para tentar entender o modelo convencional de escrita. Creio que também exista um processo para o aprendizado em História.³

Pesquisei com crianças de 3 a 12 anos, como este conhecimento vai sendo formado: quando e como é construída a noção de família, cidade? Quando e como o indivíduo se percebe parte integrante deste mundo? Quando e como o indivíduo percebe que o passado está dentro do presente e que estes formam o futuro? Quando e como o indivíduo começa a reconhecer símbolos sociais e dar significados convencionados pela sociedade a estes símbolos? Esses estudos já estão sendo realizados em grande parte por pesquisadores espanhóis e algumas questões já foram colocadas em discussão no livro "Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História"⁴. Segundo Mário Carretero, na Espanha e Argentina, várias pesquisas vêm sendo desenvolvidas na tentativa de buscar respostas para estas e outras questões tocantes ao ensino de História.

³ Para aprofundar-se sobre o assunto da construção do conhecimento em Matemática e Leitura e Escrita, o leitor pode procurar pelos livros de Constance Kammi e Emília Ferreiro, respectivamente.

⁴ CARRETERO, M. *Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Quando falo em História, é importante salientar, estou tratando do estudo do homem através dos tempos. De tentar entender como viviam e pensavam outras pessoas em outros lugares, de estabelecer relações de causas e efeitos entre os fenômenos sociais. Não estou tratando da História baseada no presentismo. Seria reduzir a um nível bastante baixo em relação à capacidade de compreensão de nossos alunos, acreditar que devemos somente estudar o presente para que os alunos construam o seu aprendizado em História. É evidente que, deve-se partir sempre da realidade para interpretar o passado, mas, isto será sempre possível? E quando não for possível fazer esta ponte?

Acredito que, para pensarmos o ensino de História, como um processo de aprendizagem construído pelo aluno, alguns questionamentos são de fundamental importância. Perguntas como: **quem? O quê? Como? Por quê? Para quê? Onde? Quando?** permeiam toda a interpretação histórica. O que significa cada uma dessas perguntas para os alunos?

Trabalhando com crianças pequenas, percebemos que elas não trabalham com todas essas questões ao mesmo tempo. A primeira a ser compreendida é o quem. Quando perguntamos a crianças de 1 ano e 10 meses a 2 anos e 04 meses, aproximadamente, quem fez algo a ela, ela responderá sempre que **alguém ou algo** realizou a ação. Esse alguém pode ser o irmão, o cachorro ou a perna da mesa, mas **alguém** fez algo. Perguntando **quando** para esta mesma criança, ela responderá palavras sem relação nenhuma com o **tempo**. Depois ela vai compreendendo as outras perguntas, mas o **onde** e o **quando** ficarão para bem mais tarde. Quando começa a formular respostas para estas perguntas, geralmente por volta de 2 anos e 8 meses, ela o faz mais por conhecimento social já armazenado do que por conhecimento do tempo. Por exemplo, ao ser indagada de quando aconteceu determinado fato, ela responde

“dez para duas”, “quinta-feira” etc., mesmo que o acontecimento em questão tenha acontecido há poucos minutos. Ela já percebe que existe uma contagem deste tempo representado por horas e dias da semana (será que já há entendimento da divisão do tempo?)⁵

A noção de tempo histórico é um dos principais problemas para a compreensão da História como processo. Algumas pesquisas foram e vêm sendo desenvolvidas a respeito⁶. A incapacidade de dialogar com sociedades fora de seu tempo e seu espaço, leva a criança, principalmente as de 5ª série do primeiro grau a interpretar a História como uma série de fatos isolados, sem nenhuma ligação.

Concluindo. Para construir sua aprendizagem em História, acredito que é necessária a compreensão de todas as questões descritas acima. Pesquisas podem ser feitas para compreendermos a construção de cada uma delas. Sem entender como a criança estabelece o diálogo entre essas questões, primeiro consigo, depois com o meio a sua volta e por último com o tempo – passado, presente e futuro – é impossível falar em construção de conhecimento em História.

3 A construção do conhecimento através do método de perguntas

Sócrates acreditava que todo sujeito tinha o conhecimento dentro de si. Seu método, a maiêutica, buscava levar o indivíduo a tirar de dentro de si o conhecimento. Era o

⁵Essa pesquisa vem sendo realizada como parte do meu projeto de pesquisa de Mestrado em Educação, em andamento na UNESP - Campus Marília.

⁶CARRETERO, M.; LIMÓN, M. *Construção do Conhecimento e Ensino das Ciências Sociais e da História*. In: CARRETERO, M. *Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

parto das idéias. Não pensava que um homem pudesse ensinar algo a outro. Através de seus questionamentos famosos, levava o interrogado a perceber suas incapacidades e a partir daí reelaborar seus pensamentos, de forma verdadeira, verdade esta que sempre estava dentro do indivíduo. O diálogo era fundamental neste processo. A visão de Sócrates para a aprendizagem era extremamente apriorista.

Para Jean Piaget, epistemólogo de nosso século, o conhecimento é construído pelo sujeito mas isto só é possível através da interação do sujeito com o meio. Quanto mais o sujeito conhecer a si mesmo, mais poderá interferir e receber respostas do meio; quanto mais receber respostas do meio, mais conhecerá a si mesmo.

“Utilizando os recursos da Filosofia, mas partindo de um novo ponto de vista – o biológico, Piaget utilizou os recursos das ciências experimentais para investigar a aprendizagem. Utilizando das ferramentas das ciências experimentais e dos conhecimentos da Psicologia, Piaget observa, cria situações, questiona crianças – método clínico, desde seu nascimento até a adolescência e consegue elaborar uma teoria experimental, porém, “do lado de fora” da aprendizagem do ser humano.

Como todos os seres vivos, o ser humano tende para a “assimilação”, isto é, a viver bem, sem modificar-se. É o meio que provoca situações que abalam esta “paz” dos seres vivos. Diante dos desafios do meio, o sujeito, para adaptar-se, modifica, aprende. E assim sucessivamente. Este processo chama-se equilíbrio: sujeito em equilíbrio – meio desafiador – sujeito tentando resolver a situação sem modificar-se (assimilação) – sujeito em desequilíbrio – sujeito modificando-se (acomodação) – sujeito modificado, em novo estado de equilíbrio.⁷

⁷ SILVA, L. L.C. e. *Metodologia de Aprendizagem baseada em Jean Piaget*. Londrina, 1997. Mimeo.

A diferença entre Sócrates e Piaget reside no primeiro em acreditar que o conhecimento está dentro do sujeito e basta colocá-lo para fora, para o segundo o conhecimento é uma construção contínua, no interior do sujeito e na relação que este estabelece com o meio.

A contribuição de Sócrates e Piaget para este trabalho, guardando as devidas proporções, é que ambos, apesar das diferenças significativas, utilizam o questionamento como um dos recursos possíveis para favorecer a aprendizagem. Para Piaget esse diálogo é entre o eu assimilador e o eu acomodador, buscando a equilíbrio como resposta para as necessidades impostas pelo meio.

Em uma proposta de ensino construtivista, o professor deverá fazer o constante papel do meio. Ele será encarregado de fazer com que o aluno dialogue com o meio mais externo – a princípio, no concreto com a proximidade dos objetos e pessoas, posteriormente, num plano abstrato – e consigo próprio para a construção do conhecimento.

A aprendizagem através de perguntas e respostas, apesar de bastante criticada nos últimos tempos, tem muitos elementos para levar o aluno a esse diálogo. Alguns pensadores, entre eles, Gaudig⁸, acreditam que “não existe nada mais absurdo do que um professor perguntando algo que ele já sabe para alunos que não sabem nada a respeito do assunto”. Hans Aebli (1982, p. 195-213)⁹, rebate as afirmações de Gaudig e disserta a respeito das diferentes formas de se perguntar.

Entre essas formas diferentes de pergunta, Aebli defende a pergunta didática, baseada na organização do pensamento. Frente a uma série de fatos ou informações novas, o aluno não

⁸ Citado em AEBLI, H. *Prática de Ensino*. São Paulo, EDUSP, 1982. p 195/213

⁹ AEBLI, H. *Idem*.

tem condições de organizá-los de forma a retirar o melhor possível para si. Nesta abordagem a pergunta formulada pelo professor teria por objetivo solicitar que os alunos retirem informações sobre coisas que lhes são desconhecidas ou então lhe passariam despercebidas.

Cada capacidade perceptiva corresponde a um ponto de vista, podemos dizer também que cada pergunta solicita que o aluno faça uma determinada atividade sobre o objeto.

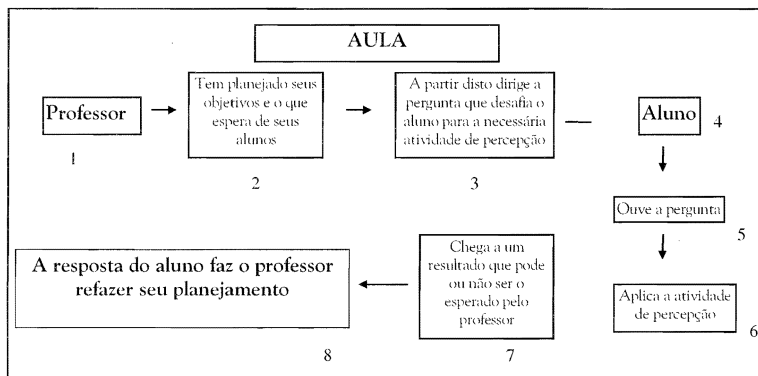
Poderíamos trabalhar com sete categorias de perguntas: adaptado de Hans Aebli¹⁰.

PERGUNTA	OBJETIVO
QUEM ?	Identificação de sujeitos
QUANDO ?	Temporalidade
ONDE ?	Espacialidade
O QUÊ ?	Descrição do que aconteceu
POR QUÊ?	Razões/Causas
COMO ?	Desenrolar do acontecimento, do processo, do discurso.
PARA QUÊ ?	Efeito/ Conseqüências? Objetivos.

O ensino através das perguntas por categoria leva o aluno a buscar respostas que poderão nortear novas hipóteses que consequentemente levarão a novas perguntas e assim sucessivamente. A vantagem de se trabalhar com as perguntas por categorias é a possibilidade de se estabelecer como resposta uma gama de interpretações que muitas vezes, passariam despercebidas pelo professor. Poderíamos representar este diálogo da seguinte forma¹¹:

¹⁰ Adaptado de Aebli (1982, p 198).

¹¹ O gráfico foi reformulado a partir da adaptação de Aebli (1982, p. 199).



Após a última etapa, representada pelo número 8, o ciclo recomeça. Tal quadro demonstra que o diálogo entre o professor e o aluno será sempre mediado por duas variáveis: de um lado, o que o professor espera, de outro, como o aluno responde a esta expectativa. Ao levar em consideração as respostas formuladas pelos seus alunos e refazer suas metas a partir destas, o professor estará possibilitando a este aluno uma reconstrução, sempre em um nível mais elevado de seus conhecimentos.

Podemos perceber através do diagrama acima que, dependendo da forma como a pergunta é elaborada e colocada, ela pode se transformar em um grande desafio e em grande interação e diálogo entre aluno/professor, aluno/aluno e aluno e meio.

Este tipo de trabalho pretende gerar alunos autônomos, que por si mesmos explorem sua capacidade intelectual. Mesmo que as respostas a princípio sejam fracas, o professor deve insistir para que o aluno busque elaborar e dialogar mais consigo mesmo e com o meio. Isto é pensar.

4 A interpretação de fontes históricas no 1º grau

Não pretendo aqui discutir a História que cada professor trabalha no primeiro grau, porém, um adendo faz-se necessário para prosseguirmos nossa discussão.

A incoerência do ensino de História começa pela título, não trabalhamos com a História em sala de aula, mas sim com Historiografia; não temos historiadores em sala de aula, temos alunos.

A utilização de livros didáticos, entrega nas mãos dos alunos uma “História” já escrita. Mesmo nas versões “mais modernas” tudo já está pronto, até as comparações entre diferentes linhas historiográficas. **O que resta para o aluno construir?**

No primeiro grau, o aluno pode atuar como um investigador da pesquisa realizada pelo historiador. O objetivo da proposta é fazer como que o aluno perceba que ele pode dialogar com as fontes históricas, assim como fez o historiador, que é possível retirar conclusões e que estas conclusões não serão as mesmas para todos do grupo, assim como não são as mesmas para todos os historiadores. Ele poderá construir uma série de hipóteses a respeito, relacionar causas e efeitos, temporalizar, ou seja, raciocinar sobre o assunto em questão.

O professor leva para sala materiais que permitam que o aluno possa atuar como um questionador do próprio historiador. Dá condições para que essa construção seja realizada, e é neste aspecto que as sete categorias de perguntas tornam-se imprescindíveis.

Sendo o sujeito aluno de primeiro grau, sua capacidade de análise será limitada pela sua pouca idade e falta de cientificidade, pois não é um historiador. Caso o professor pare por aqui, confusão comum quando se fala numa proposta construtivista no ensino de História, perpetua o conhecimento na superfície, não levando o aluno a sair de seu ponto de vista para entender a visão do outro; mesmo a visão

de seus colegas ainda é pouco para este trabalho porque é pobre, porque é visão de iguais e entre iguais não fermenta a necessidade de progredir no conhecimento.

O trabalho prossegue dando a este aluno a interpretação de historiadores sobre o tema em questão. Ao confrontar suas idéias e hipóteses, o aluno pode estabelecer um diálogo entre diferentes e tentar interpretar o porquê das diferenças. Neste interpretar a visão do historiador, a construção do ensino de História acontece.

O espaço da sala de aula não é de produção historiográfica, mas sim do estudo dessa historiografia, feito de forma a levar o aluno a identificar que a História é fruto do questionamento e conclusões dos historiadores. Caso o espaço de sala de aula seja confundido com lugar de produção historiográfica, o senso comum imperará e ficará descaracterizada a História como Ciência.

Será através do diálogo com essas fontes que o aluno levantará suas hipóteses. Essas fontes podem ser de caráter mais variado possível: documentos, depoimentos, filmes, gravuras, objetos, músicas, roupas etc..

Todas as fontes podem ser analisadas através das sete categorias de perguntas. Nem todas responderão a todas as categorias e a lacuna também será fonte de questionamento. Por que não responde a questão quando? Discutiria-se a questão da temporalidade. Que elementos temos hoje para descobrir a época de determinada fonte. Não posso descobrir ou não tenho recursos apropriados para fazê-lo?

Através das categorias, o aluno organiza sua interpretação e pode passar para elaborações mais complexas do pensamento.

As sete categorias de perguntas são classificações lógicas que antecedem toda e qualquer abordagem histórico-social, pois permitem um diálogo entre o sujeito e o objeto em questão.

Conclusão

O trabalho com as categorias de perguntas valoriza a função do professor e a participação do aluno no processo de aprendizagem.

Quero levantar um alerta: atualmente muito se tem discutido a respeito do uso da tecnologia em sala de aula e na busca de novas técnicas de trabalho para melhorar o nível de aprendizagem dos alunos. O conhecimento porém, se constrói no indivíduo e na interação que este faz com o meio. Meios externos ajudam em muito este processo, não podemos ser hipócritas para justificar o contrário, mas uma boa escola tem como principal recurso pedagógico seus professores. São eles que podem transformar **qualquer coisa** em objeto de aprendizagem. O melhor computador está em suas mãos para ser ativado, ou destroçado pelo mau uso: as mentes borbulhantes de curiosidade pela vida de nossos alunos.

Referências

- AEBLI, H. Prática de ensino. São Paulo: EDUSP, 1982.
- BECKER, F. A epistemologia do professor – O cotidiano na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CARRETERO, M. Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- COLLINGWOOD, R.G. Idea de la Historia. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- DELVAL, J. Crescer e pensar – a construção do conhecimento na Escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- ELIAS, N. Sobre el tiempo. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1989.

PIAGET, J. O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. A construção do real na criança. São Paulo: Ática, 1996.

_____. A noção de tempo na criança. Rio de Janeiro, Record, 1946.

SILVA, L. L. C. *Metodologia de aprendizagem baseada em Jean Piaget*. Londrina, 1997. Mimeo.

ABSTRACT:

The article looks for the discussion of a constructivist form of working with History in the first degree. It presents an analysis of how seven basic questions (who, where, when, why, what, what for and how) can aid the relationship process and learning construction between teachers and students.

KEYWORDS:

learning, teaching, knowledge, History, methodology.